

Explosão social em Cuba: os sinais ignorados

Via [Joven Cuba](#)

Dói ver a explosão social em Cuba; no entanto, não é de modo algum surpreendente. As ciências sociais podem não ser exatas, mas não são cegas. Se aqueles que estão no poder fecham os olhos para a realidade, nós mulheres e homens da ciência não devemos fazer isso. Nossa credibilidade e, mais importante ainda, a vida de muitas pessoas e o futuro do país estão em jogo.

Os sinais

Em uma entrevista para a OnCuba há pouco mais de um ano, Alex Fleites me perguntou se eu acreditava que um novo momento histórico estava incubando na ilha e quais seriam seus sinais mais visíveis. Esta foi minha resposta:

“Sim, eu acho. Uma crise não é uma crise até que os atores sociais tomem consciência dela; é aí que o fator subjetivo é decisivo. É uma espécie de mal-estar de época, para dizer de uma forma que alguns críticos vão achar metafórica. Está quase sempre relacionado ao esgotamento de um modelo, note-se que eu não falo de um sistema (...).

Na minha opinião, há dois fatores determinantes que levaram a este momento de mal-estar. Por um lado, a incapacidade de nossos governantes de canalizar um caminho de reforma bem sucedido. Já se passaram mais de três décadas desde o colapso do campo socialista e dois períodos de tentativas de reformas, um na década de 1990 e outro desde 2010, este último inclusive de modo formal e com uma grande quantidade de documentação comprobatória. Por outro lado, existe a capacidade dos cidadãos de submeter essa incapacidade ao julgamento público, o que é algo novo. A quebra de um canal

de informação unidirecional torna os sinais de alerta visíveis. E os que estão no poder estão bem cientes disso, mas foram incapazes de responder adequadamente.

Minha opinião é que estamos testemunhando o esgotamento definitivo de um modelo econômico e político, o do socialismo burocrático. Os que estão no poder são incapazes de fazer avançar a nação com os métodos antigos, mas são incapazes de aceitar formas mais participativas, com um maior peso dos cidadãos na tomada de decisões.

Doze meses depois, publiquei no LJC o artigo “Cuba, as árvores e a floresta”, onde afirmei:

Em Cuba, as condições objetivas para uma transformação já estão maduras há algum tempo. Não há dúvida de que a nação parou de avançar: a economia não vem crescendo há anos, a dívida externa está aumentando constantemente, assim como os níveis de pobreza e, apesar disso, as reformas têm sido inexplicavelmente atrasadas. É claro que aqueles que estão em cima não podem mais administrar e governar como antes. Mas o que acontece com os que estão abaixo?

Sem o amadurecimento do fator subjetivo, tal transformação não era possível. Era necessária a vontade das pessoas de querer mudar, uma energia cívica que tinha sido esmagada por condicionamentos políticos, educacionais e midiáticos. O “desamparo aprendido” também existe em um modelo socialista no qual o sistema controla em certa medida a maneira como seus cidadãos se comportam.

Na ausência do fator subjetivo, condições objetivas, por si só, não determinariam nada. No entanto, agora há sinais muito claros de sua existência. Tais sinais não foram compreendidos pelo aparelho ideológico, que erra ao reduzir as manifestações de descontentamento a “um golpe brando”, à “manipulação generalizada”, ou à “criação de matrizes de opinião negativas sobre o governo”; sem que eu negue

categoricamente que isso também está acontecendo. A liderança do país ainda não tem se localizado em:

– O novo ambiente criado pelo acesso em massa à Internet e às redes sociais, que os privou do monopólio absoluto da informação que tinham há décadas e democratizou sua disseminação e gerou a possibilidade de campanhas e denúncias de arbitrariedade.

– Um estado de polêmica permanente, visível nas redes e fomentado pela própria liderança do país como resultado da consulta popular para a elaboração da nova Constituição; talvez eles pensassem que uma vez terminada a consulta e nossos pontos de vista não fossem mais necessários, deixaríamos de oferecê-los, ingênuo da parte deles, agora temos os meios e não precisamos de suas chamadas.

– A declaração de Cuba como um Estado Socialista de Direito, que tornou mais visíveis as prerrogativas de cubanas e cubanos e os obrigou a exigir as liberdades garantidas pela própria Constituição.

– A existência de gerações jovens, questionadores em si, que encontraram repercussões nas gerações mais velhas, já cansados de promessas não cumpridas e de reformas atrasadas ou interrompidas.

Esta coexistência de condições objetivas e subjetivas para a transformação social é completamente nova na evolução do modelo socialista cubano. A questão em jogo agora não é se deve mudar, mas como mudar (...)

No ponto em que Cuba se encontra hoje, há dois caminhos para a mudança social: pacífico ou violento. O primeiro, ao qual subscrevo plenamente, significaria aproveitar os espaços legais – muitos dos quais teriam de ser criados primeiro – para pressionar por mudanças econômicas, políticas e jurídicas dentro de um diálogo nacional no qual não haja discriminação baseada em credo político (...)

Advirto que este é um momento muito sério neste país. Um potencial de conflito está se concentrando em um cenário que está sendo muito mal analisado, não apenas pelo governo, mas também, infelizmente, por intelectuais e cientistas sociais cuja formação teórica e capacidade de interpretar fatos sociais deveria separá-los de uma afirmação meramente ideológica (...).

São nossas meninas e meninos, dialoguemos com eles e com a sociedade civil cubana que deseja caminhos de mudança e paz. Se o governo escolhe o confronto violento como resposta, o que já vimos em Vedado pode acontecer em grande escala: um grupo pacífico de jovens sendo agredido com gás pimenta; ou o que aconteceu no Parque de la Libertad em Matanzas na noite de sábado: um pequeno grupo sendo agredido por membros da Segurança do Estado. Não importa que eles impeçam o acesso à Internet por algumas horas. Tudo é conhecido, e tudo é processado.

Minha consciência não me permite permanecer em silêncio.

0 resultado

Os intelectuais que durante meses alertaram o governo sobre a possibilidade de uma explosão social de maior magnitude foram chamados de mercenários. O partido e o aparato governamental ignoraram negligentemente os sinais de alerta. Este é o resultado de sua atitude.

No domingo 11 de julho, milhares de pessoas se manifestaram em muitas cidades e vilas da ilha. Ao lado daqueles que pediam mudanças, melhores condições de vida e liberdades políticas, como é comum em qualquer conflito desta escala, havia também aqueles que procuravam apenas cometer crimes e vandalizar, mas

essa era a exceção, não a regra.

O presidente e primeiro secretário Miguel Díaz-Canel reagiu a esses eventos, sem precedentes na história recente de Cuba, com o seguinte apelo: “A ordem de luta foi dada. Que os revolucionários tomem as ruas”.

Em sua primeira aparição na televisão, ele reconheceu que havia pessoas revolucionárias e confusas entre os manifestantes. Na segunda aparição, no dia 12, ele afirmou que todos eles eram contra-revolucionários e mercenários e que o que aconteceu foi o resultado de um plano concebido a partir do exterior. Esta é a narrativa que tem sido sustentada desde então. Para ele, os milhares de manifestantes não fazem parte do povo. Grande erro.

As forças da lei e da ordem – do Ministério do Interior, das FAR, das Tropas Especiais, dos cadetes das academias militares e até mesmo das reservas – reprimiram-nas violentamente. Alguns grupos de manifestantes também têm sido violentos.

Se sabe de ao menos uma pessoa morta e outras feridas, espancadas e detidas. Algumas delas foram liberadas no dia seguinte. Este não foi o caso em outros casos, como o de Leonardo Romero, um jovem estudante de física da Universidade de Havana que foi preso há dois meses por levantar um cartaz dizendo “Socialismo sim, repressão não”. Ele estava caminhando perto do Capitólio com um aluno seu de pré-universitário. O garoto tentou filmar a enorme demonstração que ali se reunira. Ele foi atacado ferozmente. Ele era um menor e Leonardo o defendeu. Ambos foram presos

É impossível saber exatamente o que aconteceu, porque o serviço de internet em Cuba foi cortado às 15h daquele dia. Somos um povo às cegas, sem o direito à informação e sem a possibilidade de nos expressarmos. Os jornalistas oficiais mostram com sua atitude que são meramente propagandistas para o governo. Que toda a vergonha da profissão caia sobre eles.

Declarações justificadas e às vezes incoerentes deram o tom para o governo. O Bureau Político reuniu-se hoje na presença de Raúl Castro, mas nada surgiu do que foi discutido. Aparentemente, não existe um roteiro projetado para resolver uma situação interna como esta explosão, que é apresentado à opinião pública como uma grande conspiração internacional que surgiu a partir do selo SOS Cuba.

Eles se limitaram a exigir a eliminação do bloqueio dos EUA. Não há uma única admissão autocrítica sobre reformas atrasadas e transgressões constitucionais. Nem mesmo um convite ao diálogo. Eles acreditam, ou querem que as pessoas acreditem, que os apagões inconvenientes das últimas semanas são responsáveis pelo desconforto dos cidadãos, sem reconhecer as imensas dívidas sociais acumuladas ao longo de décadas.

Bruno Rodríguez Parrilla, o ministro das Relações Exteriores, disse numa conferência com a imprensa estrangeira credenciada que em Cuba “ninguém passa fome”. Esta declaração é mais uma prova do nível de desconexão do governo com as pessoas comuns. É comparável apenas às críticas de Raúl em seu “Relatório Central” ao 8º Congresso como Secretário Geral cessante, da “certa confusão” que alguns quadros dirigentes tiveram ao atacar a “suposta desigualdade” que a comercialização dolarizada criou em Cuba.

O desespero do povo os lançou numa explosão de protestos em massa no meio do pior momento da pandemia na ilha. É previsível esperar um enorme aumento no contágio, tanto entre os manifestantes como entre as forças da lei e da ordem e nos grupos de resposta rápida reunidos nos locais de trabalho para mostrar apoio ao governo.

A tudo isso se soma o oportunismo político de algumas vozes exiladas que apelam para uma solução militar para Cuba. Eles devem saber que afetar a soberania nacional com a tese de uma intervenção humanitária é totalmente inaceitável para uma grande maioria deste povo, incluindo muitos daqueles que se

manifestam hoje contra o governo.

Dirigindo-se à imprensa estrangeira, Rodríguez Parrilla argumentou levemente que este não era o pior momento que Cuba já havia vivido. É verdade que nos anos 90 tivemos uma crise terrível e um maleconazo; no entanto, lembro-lhe que naquela época tínhamos um líder com visão suficiente para oferecer mudanças a curto prazo e um povo com esperança de que, diante da queda do socialismo real na Europa, o governo teria inteligência suficiente para canalizar um caminho de mudança rápido e contínuo.

Nenhuma dessas coisas existe hoje em dia. Mas pedir ao governo cubano que dê ouvidos aos sinais é, como vimos, arar no mar.